



TUDO TE É FALSO E INÚTIL: O AMOR E A SOLIDÃO DESDE O CONTEXTO CULTURAL VIRTUAL

FOR YOU, ALL IS FALSE AND USELESS: LOVE AND LONELINESS FROM THE CULTURAL VIRTUAL CONTEXT

Emerson Wendt¹
Fernanda Sartor Meinero²

RESUMO

As relações interpessoais foram drasticamente alteradas desde a criação da Internet. A proximidade virtual entre os indivíduos reduziu as distâncias e favoreceu a comunicação, inclusive observa-se a formação de um *pertencimento virtual*, com a criação de “comunidades”. O estudo preocupa-se em refletir sobre as relações interpessoais, desde um contexto de multiculturalismo virtual. Se o conectar com o *Outro* se concretiza de fato em um pertencimento real, ou se as relações, nas palavras de Bauman, tornaram-se líquidas e apenas estamos compartilhando solidões.

Palavras-chave: Comunidades Virtuais; Internet; Interação.

ABSTRACT

Interpersonal relations have changed dramatically since the creation of the Internet. The virtual proximity between people have reduced distances and favored the communication, including the formation of a virtual belonging, with the creation of “communities”. The study is concerned to discuss on interpersonal relationships, from a context of virtual multiculturalism. We try to know if connecting with Other actually materializes into a real belonging, or if relations, as Bauman says, became liquid, and we are just sharing loneliness.

Key-words: Virtual Communities. Internet. Interaction.

INTRODUÇÃO

Tudo Te É Falso e Inútil é o título da obra de Iberê Camargo, conjunto de quadros que foram pintados pela artista em 1992 e cuja paleta de cores pressupõe tristeza e

¹ Mestrando em Direito e Sociedade (Unilasalle, Canoas-RS). Delegado de Polícia Civil no RS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9475388941521093> - emersonwendt@gmail.com

² Mestranda em Direito e Sociedade (Unilasalle, Canoas-RS). Professora na FSG (Caxias do Sul). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7688469271369581> - fernandasartor@hotmail.com



melancolia³ e, no primeiro quadro da série, nota-se um indivíduo sentado observando um dorso nu feminino e, entre as duas figuras, está uma bicicleta⁴. A obra pode ser colocada como a representação simbólica das relações afetivas no nosso tempo, na qual os indivíduos estão (são) situados numa sociedade de consumo e cujas relações são líquidas. A proximidade das figuras humanas, que não se tocam, faz alusão (ou, pelo menos, uma prospecção) ao ambiente cibernético, ao desejo latente dos corpos nus que não concretizam o ato. Além disso, o título do conjunto das obras nos remete à incessante busca pela mercadoria *felicidade*.

Desde a criação da Internet, na década de 1960, e com a interação gerada após a criação da web (rede “WWW”), as relações interpessoais foram drasticamente alteradas. A proximidade virtual entre os indivíduos reduziu as distâncias e favoreceu a comunicação. Aliás, estamos, segundo Castells (2008), na era da “rede das redes”. Essa comunicação aproxima culturas e até mesmo as cria dentro do ambiente virtual. As comunidades virtuais, por assim entendidas, podem avizinhar indivíduos de crenças diferentes, raças e nacionalidades, mas que em uma rede de relacionamento encontram aspectos em comum a ponto de aculturarem-se⁵.

Dentro deste contexto surgem novas formas de se relacionar afetivamente que são frutos, segundo Bauman (2004), do amor visto a partir do padrão dos bens de consumo, ou seja, que eles servem enquanto trouxerem satisfação, podendo ser substituídos por outros que prometam ainda mais satisfação. A liquidez das relações e a velocidade com que elas acontecem dentro do ambiente virtual desencadeiam aspectos importantes, tanto de uma perspectiva do direito quanto (do) social (poder-se-ia dizer que primeiramente esta - social

³ Conforme Ribeiro (2013), o próprio Iberê atribui o título à obra (conjunto de quadros) em inspiração em um verso de Fernando Pessoa, denominado “**Vem, Noite antiquíssima e idêntica**”. Disponível em <http://www.portalentextos.com.br/noticias/fernando-pessoa,919.html>.

⁴ Iberê Camargo foi um dos grandes artistas brasileiros no século XX. Autor de uma obra extensa, que inclui pinturas, desenhos, guaches e gravuras, nasceu em Restinga Seca, interior do Rio Grande do Sul, Brasil, em 1914. Iberê Camargo faleceu em agosto de 1994, aos 79 anos, deixando um acervo de mais de 7 (sete) mil obras. Informações disponíveis em: <http://www.iberecamargo.org.br/site/o-artista/default.aspx>.

⁵ O sentido que se quer dar a esse termo deriva do processo de aculturação, ou seja, como resultado dos contatos, de natureza constante, que implicam, em regra, na transmissão de certos elementos da cultura de uma sociedade para a outra, de um grupo para outro grupo, de uma comunidade para outra comunidade.



- e depois daquela - direito -, pois que a afetação do direito somente ocorre após o sistema social irritar o sistema político e geral mais direito, segundo a concepção luhmaniana⁶).

As relações interpessoais podem ser favorecidas pelos meios virtuais, pois a proximidade cultural, através de uma linguagem própria e peculiar (“curtir” no Facebook ou dar “RT” - retuitar - no Twitter), resulta em formação de relações especiais, bem como de comunidades virtuais, que possuem uma cultura diferenciada. O desafio do multiculturalismo visto de um ponto cibernético, bem como as alterações profundas d(n)as relações afetivas, dentro do contexto da internet, pode resultar no improvável, na solidão, solidão esta representada pela noite obscurecida e gélida na obra referenciada de Iberê Camargo.

Assim, a presente pesquisa pretende verificar qual a influência da Internet nas relações/(inter)conexões afetivas, desde os aspectos culturais virtuais na sociedade contemporânea. Para tanto o trabalho será dividido em duas partes. Na primeira se analisarão aspectos do Multiculturalismo e a Internet. Na segunda parte trabalhar-se-á com as relações afetivas (amor líquido e solidão) e a comunicação digital.

1 MULTICULTURALISMO E A INTERNET

Indivíduo e sociedade, indivíduo e indivíduo, comunidade e comunidades, dentro do contexto contemporâneo, interação sob uma ótica multicultural, pelo menos o deveriam. Há, por esse contexto contemporâneo, um descentramento do sujeito e das identidades, bem como geográfico, com: dissolução de fronteiras, heterogeneidade cultural, interpenetração entre mundo tecnológico e mundo natural, universal e regional, global e local.

Assim, o multiculturalismo torna-se legitimador do convívio de diversas culturas em um mesmo ambiente, pois “refere-se à coexistência enriquecedora de diversos pontos de vista, interpretações, visões, atitudes, provenientes de diferentes bagagens culturais, além de ser baseado no respeito desta diversidade e na rejeição de todo preconceito ou hierarquia” (BALDANZA; ABREU, 2006). Ou, conforme estabelecido na Declaração Universal

⁶ “A forma como é concebida a distinção entre sistema e ambiente na perspectiva luhmaniana conduz a uma teoria da diferenciação sistêmica. Esta, como afirma Luhmann (1998), é simplesmente a formação de sistemas dentro de sistemas”. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?htmI2=correia-joao-carlos-mass-media-mundo-da-vida.html.



sobre a Diversidade Cultural (COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ, 2010) em seu artigo 6º:

[...] A liberdade de expressão, o pluralismo dos meios de comunicação, o multilingüismo, a igualdade de acesso às expressões artísticas, ao conhecimento científico e tecnológico - inclusive em formato digital - e a possibilidade, para todas as culturas, de estar presentes nos meios de expressão e de difusão, são garantias da diversidade cultural.

Esse contexto foi reforçado pelos fundamentos e garantias instituídos no Marco Civil da Internet no Brasil através da Lei 12.965/14. Estabelece a norma, em seu segundo artigo, que a disciplina de “uso da internet no Brasil tem como fundamento o respeito à liberdade de expressão”, bem como a “pluralidade e a diversidade” e, também, a finalidade social da rede. Dentre os princípios, previstos no artigo seguinte, além da liberdade de expressão, há necessária indicação da preservação da “natureza participativa da rede”, propiciando a continuidade de liberdade de interação/participação neste ambiente digital que é a Internet.

Pari passu, é importante analisar a proximidade cultural advinda das comunidades virtuais e, também, as características e peculiaridades da Internet nas inter-relações multiculturais e globais.

1.1 As comunidades virtuais e a proximidade cultural

A denominada Sociedade da Informação é, segundo Borges (2000, p. 29), consequência da sociedade pós-industrial, e possui algumas características, assim resumidas: (a) a informação é um produto e o saber um fator econômico; (b) a distância e o tempo entre a informação e o destinatário não tem mais sentido, ou seja, há perda de noção de tempo e espaço, isto é, uma *acronia* e uma *atopia*; (c) há “valor agregado” à informação, revolucionado pelas tecnologias da informação e comunicação que, além de revolucionar o mercado, criando novos serviços, empresas, empregos, transformaram o mundo em uma “aldeia global” (McLuhan); (d) o “ciclo informativo” se transformou, pois além do usuário também se tornar produtor (de conhecimentos), há para isso um baixo custo, mesmo quando se trata de armazenamento de grande volume de dados, e; (e) o



processamento, recuperação e acesso às informações se tornou mais célere, seguro e eficaz, possibilitando o monitoramento e avaliação dos dados/informações.

A Internet, no seu contexto de auto-organização e estruturação atual (WENDT, no prelo), baseada na interação através de aplicativos⁷, favorece a comunicação através de comunidades virtuais, não no sentido de grupos específicos, mas de aproximações geradas/consequentes do mesmo pensar/manifestar, do mesmo agir, do mesmo gostar/odiar, ou seja, dos mesmos interesses e/ou oportunidades. São seus vários códigos binários, dialógicos, pois um não necessariamente exclui o outro⁸.

As comunidades virtuais não são necessariamente as antigas “comunidades” do Orkut ou os “grupos” no Facebook⁹ ou, até mesmo, as “listas” do Twitter¹⁰. Elas podem ser representadas por um mesmo contexto de opiniões em aberto nas mídias sociais (conceito que inclui as redes sociais, blogs, microblogs¹¹, dentre outras), em fóruns de discussões, em chats privados¹² e/ou públicos.

O conceito de “comunidade virtual” foi cunhado pela primeira vez por Howard Rheingold em 1993, definindo-a como uma agregação cultural formada pelo encontro sistemático de um grupo de pessoas no ciberespaço¹³, tendo como características a coparticipação, o compartilhamento (de valores, interesses, metas etc.) e “posturas de apoio mútuo” (MUSSOI; et al, s/d, p. 2).

⁷ Delimitando o que são aplicações na Internet, a Lei 12.965/14, no seu artigo 4º, inc. VII, definiu-as assim: o “conjunto de funcionalidades que podem ser acessadas por meio de um terminal conectado à internet”, Assim, são aplicações de Internet o Facebook, o Twitter, os buscadores na rede, como Google e Bing, os serviços de e-mail, dentre outros.

⁸ Segundo Wendt (no prelo), são códigos binários, da comunicação digital através da Internet, “belo/feio, legal/chato (*cool/not cool*), certo/errado, acesso/não acesso, funcional/não funcional”, sendo eles “constantes de auto-seletividade dos seus usuários (sistemas psíquicos), cada qual com seus critérios de valoração e concepção de verdade”.

⁹ Os vários grupos no Facebook podem ser acessados na rede sociais através do endereço <https://www.facebook.com/browsegroups/>.

¹⁰ As listas do Twitter são criadas pelos usuários com base em seu interesse por temas, assuntos e pessoas, categorizando-os. Assim, cada usuário pode gerar suas listas, acessando-as através do endereço vinculado à sua conta, como, por exemplo, de um dos autores deste artigo: <https://twitter.com/EmersonWendt/lists>.

¹¹ Microblog é uma forma de blog na qual os usuários postam mensagens muito curtas, para visualização através de uma rede de pessoas.

¹² Um exemplo de interação restrita, porém multicultural e global, é o IRC (Internet Relay Chat), que pode reunir pessoas de diversos países e culturas diferentes.

¹³ O conceito de “ciberespaço” é, muitas vezes usado erroneamente. Ciberespaço caracteriza-se por uma comunicação gerada em um espectro muito mais amplo do que a própria Internet, embora a englobe, assim como as comunicações derivadas por satélite, telefonia etc. Para buscar mais dados sobre esse contexto conceitual de ciberespaço, Internet e Web, ver Canabarro e Borne (2013).



Por outro lado, ainda sobre o *conceito* de comunidade virtual, pode ser tida por agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço através da comunicação mediada pelas redes de computadores, estando em "diferentes posições geográficas e temporárias" e possuem caráter de comunhão e de identidade (TAJRA, 2002, p. 68).

Para Castells (1999, p. 385), as comunidades virtuais geralmente são entendidas como uma "rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em **torno de um interesse ou finalidade compartilhados**, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo" (grifo nosso).

Por outro lado, "Comunidade atual seria a expressão muito mais adequada para descrever os fenômenos de comunicação coletiva no ciberespaço do que comunidade virtual" (LÉVY, 1999), tendo uma tendência a uma inteligência coletiva através das interconexões. Estas, podem ter características geradas pelos seus interesses: (a) resolução de conflitos; (b) estabelecimento de novas formas de pensar, agir; (c) mobilização social e/ou de categorias profissionais, e; (d) relações de proximidade (pessoais, profissionais, sexuais etc.). Resumidamente, o (con)texto de *comunidades atuais* tem relação com os "laços de escolha" e, por que não (!?), de oportunidades (principalmente, pessoais e comerciais).

Assim, "a possibilidade de construir uma sociabilidade, transitar por vários ambientes e interagir com pessoas de locais e culturas distintas" (BALDANZA; ABREU, 2006, p. 2) é oferecida por essa nova ferramenta, que é a internet.

1.2 Características e peculiaridades da Internet nas inter-relações multiculturais e globais

Para pensar a Internet e as relações daí advindas deve-se ter em conta as interconexões e inter-relações, derivadas não só do contexto mercadológico, que é, aliás, natural, mas também de suas possibilidades culturais, sociais, políticas, religiosas e pessoais. Assim, o que tende a aproximar as pessoas - através dessa nova forma de interação, reitera-se - são os laços de interesses comuns, a *afetividade* e o debate, possibilitando não só: (a) o contato com culturas distintas, mas (b) também estabelecer a grande diversidade de culturas em um mesmo ambiente.



Segundo Baldanza e Abreu (2006, p. 2), nesse contexto comunicacional digital os membros, usuários, “estão em contato com as mais variadas formas de pensar, tendo em vista as diversas localidades de seus participantes”, onde “os membros de uma comunidade virtual fazem parte também de outras comunidades virtuais, tendo possibilidade não só de transitar entre várias comunidades virtuais, ou mesmo viajar virtualmente por locais diversos”. Por isso, há interação multicultural.

Aliás, essa conexão multicultural é favorecida pelos elementos caracterizadores da comunidade, que também são aplicados dentro do contexto tecnológico-digital: (a) sentimento de pertencimento, (b) territorialidade, (c) a permanência, e, (d) existência de formas próprias de comunicação (no caso, a digital). Não há necessidade, de outro ponto de vista, da presença, pois as pessoas podem estar em diferentes posições geográficas e, também, em diferentes momentos. Retoma-se, assim, as características de *atopia* e *acronia*, ou seja, respectivamente, perda das noções de espaço e tempo.

Percebe-se, nesse diapasão, que essa interação comunicativa, de caráter digital, atemporal e sem barreiras espaciais, agrega sociabilidade na estrutura social contemporânea, pois que “nestes espaços virtuais são produzidas relações de colaboração e cooperação entre as pessoas, e acaba por se tornar um ambiente construtivo e principalmente participativo” (BALDANZA; ABREU, 2006, p. 1), o que é fundamental em termos de compreensão, interação e aculturação dos participantes, mesmo sem sair de seu local, de “sua tribo” espacial.

Isso é favorecido pela globalização da comunicação, barata e rápida, gerada pelo meio digital da Internet, pois que se estabelece, através das comunidades atuais, um pensar coletivo, inteligente, não muito diferente daquele realizado por integrantes das comunidades reais: (a) a constituição é por pessoas reais; (b) as relações são reais, e; (c), podendo-se fazer “coisas reais”, como troca de experiências e sentimentos. Relacionamentos, contratos, pactos e ideias importantes surgem desse contexto de comunidades contemporâneas, baseadas na “rede das redes”, possibilitando, assim, um interagir multicultural e horizontal, sem lideranças necessariamente definidas e que, no caso das manifestações sociais a partir de 2008, tendem a transformar pensamentos, países e mecanismos de participação popular nas decisões políticas, econômicas e sociais (CASTELLS, 2013).



Por outro lado, também se vê frente às (outras) características da Internet, ponderadas por Sydow (2013), principalmente em relação à criminalidade informática¹⁴: a interatividade, a mobilidade (portabilidade), a conversabilidade, a conectividade, a mundialização, a fracionalidade, a divisibilidade, a intangibilidade, a disponibilidade, a pluralidade, a ubiquidade (simultaneidade), a anonimidade, e, a velocidade (das conexões)¹⁵.

Destaque para a “anonimidade”, não pela sua tensão com a constitucional vedação do anonimato (art. 5º, IV), mas principalmente se vista do ponto de vista do usuário que, frente ao uso de aplicativos na Web, tende a crer que está anônimo, porém, ao navegar pela rede, deixa dados que podem identificá-lo. Ainda, na chamada *Deep Web*, o “lado escuro” da internet e onde as características citadas são ainda mais claras, tem-se como evidentes a produção de interação, de comunicação, de busca de conexões, baseadas por interesses *afetivos*, culturais, sociais, políticos, econômicos etc.

Percebe-se, ademais, relativamente à anonimidade e correspondente interatividade na internet, que o processo de formação do laço de afinidade social sofre uma inversão, onde os interesses comuns são tidos como determinantes iniciais da interação e, também, sexo, idade, raça, aparência física não são automaticamente discerníveis, palpáveis, sendo que as interações não se dão diretamente entre “indivíduos”, mas entre imagens, projeções desencarnadas de um corpo físico, tidas como ideais a partir da ótica do visualizador, porém podem ter outra ótica a partir da auto-visualização, do autoconhecimento¹⁶.

2 AS RELAÇÕES AFETIVAS E A COMUNICAÇÃO DIGITAL

O multiculturalismo, dentro do ambiente da internet, proporciona o convívio de diversas culturas, indivíduos com pontos de vista distintos e opiniões que tentam, dentro dessa interação, “conviver”. Essa “convivência”, dentro de uma expectativa de relação afetiva também sofre reflexos causados pela internet.

¹⁴ Não é objetivo deste trabalho focar a questão da criminalidade informática, o que abordaria um outro aspecto das interações na rede e seus “malefícios”.

¹⁵ Sobre o assunto, ver Sydow (2013 p. 88-110).

¹⁶ Segundo Santos (2006), todo o conhecimento é autoconhecimento.



Atualmente, evidencia-se um desgaste dos tipos tradicionais de ordem social. A pós-modernidade ou, como bem coloca Bauman (2004), a modernidade líquida, é justamente marcada pela instabilidade, inseguranças e incertezas. Os câmbios realizados pela sociedade contemporânea modificaram a forma de ver o mundo e de se relacionar com os outros. Como foi disposto no tópico anterior, a internet aproxima e cria culturas, modificando sensivelmente as relações interpessoais. Os relacionamentos e suas configurações mudam de forma acelerada, dificultando para as ciências sociais, em especial a sociologia, compreendê-los. A interação no mundo virtual produz comunicação em massa, mas essas relações de diálogos podem, se comparadas à maneira tradicional de comunicação, ser consideradas ineficientes.

2.1 A liquidez do amor

A obra “O Amor nos Tempos do Cólera”, de Gabriel García Márquez, conta a vida do protagonista Florentino que aguardou mais de meio século para enfim concretizar o amor com Fermina. *Gabo*, como era conhecido o autor, retrata os vários tipos de amores, os saudáveis e não saudáveis, os imaculados, os por interesses, os baseados na química sexual e, por fim, o amor verdadeiro, vivido pelos protagonistas da trama. A certeza do amor, a espera e a devoção narradas por Márquez parecem ficar restritas à ficção se comparadas aos amores contemporâneos. Assim, tendo como referencial teórico o sociólogo Zygmunt Bauman, parece-nos que a solidão pode ser mais etérea atualmente que o amor.

As relações afetivas estão em constante variação e de forma cada vez mais rápida. A possibilidade do anonimato (ou *anonimidade*, como referido) na internet e a “segurança” proporcionada pela distância são atrativos para as relações virtuais, embora muitos desconheçam os aspectos que violam a privacidade, intimidade e segurança no uso da rede. O indivíduo no mundo real deveria mostrar-se como ele é, ao menos fisicamente¹⁷; já no ambiente virtual ele pode reinventar-se de todos os modos. A facilidade dos encontros virtuais serem exitosos pode estar ligado ao fato que cada sala de bate-papo já expõe suas intenções e objetivos, a exemplo dos *chats* do Terra, que se dividem por região, cidades,

¹⁷ Não há necessidade de, neste âmbito de análise - e por ora -, ater-se às questões narcisistas, de melhoria da imagem pessoal, como a questão das plásticas etc.



assunto e preferências sexuais (TERRA, 2014). Assim, no mundo real o indivíduo sofreria mais riscos, em termos de sucesso, que no ambiente virtual.

Denota-se uma mudança não só nas relações afetivas como também na configuração familiar. Castells (2008) aponta para a crise da família patriarcal, bem como para o enfraquecimento do modelo de dominação masculina. Os fatores apontados para essa mudança são: (a) o aumento na dissolução de casamentos, com a formação de lares por solteiros; (b) a dificuldade de compatibilizar casamento, trabalho e vida; (c) casamentos tardios, conjugados com o envelhecimento da população; (d) a diferença de idade média de mortalidade entre homens e mulheres; ainda, (e) uma libertação da mulher. O autor desacredita no fim da família e inclusive acrescenta: “[...] no fim, reconstruir a maneira como vivemos uns com os outros como procriamos e como educamos de formas diferentes e, quem sabe talvez melhores” (CASTELLS, 2008, p. 173-174).

Segundo Bauman (2004), os sociólogos que compõem teorias a partir de estatísticas e crenças baseadas no senso comum seriam apressados ao concluir que as pessoas estão totalmente abertas a laços afetivos e convívio em comunidade. Algumas revelações somente se dariam por meio da frustração que provocam, pois atualmente as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que se esperam obter, mas que “não têm sido consideradas plena e verdadeiramente satisfatórias” (BAUMAN, 2004, p. 6). O autor nos situa numa sociedade de consumidores, onde todos devem agir de acordo com as regras do mercado de consumo. As pessoas são consumidoras e mercadorias ao mesmo tempo, portanto devem atrair e sentir atração.

Ao explicar as transformações das relações afetivas e suas consequências sociais, Bauman sempre as contextualiza numa vivência líquida. Assim, amar significa arriscar-se, pois desconhecemos o resultado final das nossas escolhas afetivas. A incerteza quanto aos acontecimentos futuros estende-se às relações sexuais, pois enquanto uma pessoa pode estar buscando satisfação imediata e finita a outra pode estar querendo um relacionamento duradouro, fazendo-se, assim, instalar a insegurança.

Quanto ao instituto do casamento, diante da liquidez e fluidez das relações afetivas, melhor modelo seria o “viver juntos”, e sua estratégia de transitoriedade de coabitação, bem como de possibilidade de rompimento, quando não exista mais a necessidade ou o desejo (BAUMAN, 2001, p. 171). A relação baseada no “até que a morte nos separe” parece estar enfraquecida na sociedade contemporânea, pois a possibilidade



de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper é o que torna relacionar-se a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar” (BAUMAN, 2004, p. 8).

O *homo sexualis* de Bauman estaria fadado a “viagens exploratórias arriscadas e descobertas ocasionais” em busca de “prazeres ilusórios” (BAUMAN, 2003, p. 35). A proximidade que alguns aplicativos como Tinder¹⁸, Blendr¹⁹, ou redes sociais como Facebook podem aproximar os indivíduos por zonas de interesses, mas o amor, na forma romântica conhecida parece não encontrar lugar na contemporaneidade.

Assim, para Bauman (2004, p. 12) “todo amor luta para enterrar as fontes de sua precariedade e incerteza, mas, se obtém êxito, logo começa a se enfraquecer - e definhar”. O amor contemporâneo, ou líquido, tende a definhar e acabar tão logo se concretize, não há espaços para o amor romântico.

Na tentativa de se comunicarem os indivíduos contemporâneos buscam freneticamente satisfação, mas que não represente um aprisionamento, afinal não se pode ter a certeza da escolha correta. Florentino, o protagonista de “O Amor nos Tempos do Cólera”, talvez hoje tivesse seguido sua vida sem a busca ao amor de Fermina e como bem dizia ele: “*O coração tem mais quartos que uma pensão de putas*” (MÁRQUEZ, 1985, p. 334). Florentino permitiu-se viver as paixões e os amores ocasionais, mas sempre existiu a certeza do amor romântico. Tivesse ele inserido na sociedade líquida de Bauman perder-se-ia em relações fugazes, dentro de um ambiente virtual e não em contos realísticos de *Gabo*, terminando seus dias só num navio, mas com wireless, claro! Por outro lado, seria ele a imagem representada por Iberê, a admirar o corpo nu, a desejá-lo e, posteriormente, a desprezá-lo.

2.2 A rigidez/fluidez da solidão

¹⁸ Site do aplicativo: <http://www.gotinder.com/>. Através desse aplicativo é possível ao usuário se conectar com pessoas próximas dele, a proximidade geográfica é um dos padrões utilizados para a inter-relação. Ao passar as fotos para a direita para curtir ou para a esquerda para passar o/a usuário/a, respectivamente, manifesta seu interesse ou desinteresse em conhecer o/a usuário/a. Se alguém curtir o/a usuário/a de volta, podem conversar e combinar de se encontrar pessoalmente.

¹⁹ Site do aplicativo: <https://m.blendr.com/>. O aplicativo é tido como um sistema para quem quer paquerar na rede mundial, valendo-se do seu geoposicionamento, buscando interesses e interagindo através de uma comunicação privada.



O amor pode ser líquido, mas cada vez mais a solidão é sólida e flui na sociedade contemporânea²⁰. A americana Nadine Schweigert, de 36 anos, cansou-se de esperar a pessoa certa e resolveu “casar-se” consigo mesma. Segundo a noiva, ela estava esperando alguém para ser feliz, mas viu que poderia comprometer-se apenas consigo mesma para alcançar esse objetivo (GAZETAWEB, 2012). O fato não é isolado, pois cada vez mais os indivíduos escolhem viver a sós²¹. Segundo os dados demográficos apurados pelo IBGE (2013), no ano de 2012, foram computados os indivíduos que moram sozinhos, na proporção de 13,2%, o que ressalta um aumento significativo se comparado os dados coletados em 2010, onde a forma unipessoal representava 8,33% da totalidade dos arranjos familiares (IBGE, 2010).

A questão fundamental hoje que permeia as discussões acerca da interação dos meios virtuais e suas consequências, estaríamos alimentando um individualismo e nos tornando cada vez mais solitários ou, ao contrário, o número de ligações e conexões demonstraria que o indivíduo jamais esteve tão próximo do Outro. Voltaremos a esse paradoxo alhures.

A contar, preliminarmente, pelos dados do IBGE, bem como para o fenômeno social do casar-se-consigo-mesmo, o individualismo aumenta em virtude do isolamento virtual. Indivíduos que preferem ter amigos na internet a encontrar-se com eles fisicamente. Castells (1999) já se preocupava com esse individualismo crescente:

[...] com relação à questão que dominou o debate sobre as dimensões sociais da internet durante a década de 1990: a internet favorece a criação de novas comunidades, comunidades virtuais, ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade e, por fim, com o mundo real? (CASTELLS, 1999, p. 442).

Turkle (apud PRADO, 2013, p. 239), em seus estudos acerca das novas tecnologias e a interação com pessoas, verificou que as relações estabelecidas pelas mídias digitais “são atrativas na medida em que diminuem as chances de frustrações e comprometimento que tendem a acontecer com as relações face a face”. Ainda, paradoxalmente a conectividade

²⁰ Um sólido que flui? Sim, a concepção é de que ela transita na sociedade contemporânea. Poder-se-ia também trabalhar o aspecto da solidão etérea, porém, não é o contexto.

²¹ Embora, em alguns casos, possa-se ponderar que a solidão não é necessariamente uma escolha do indivíduo, como nos casos de depressão etc.



promove uma “solidão compartilhada”, mas também não desenvolve a habilidade do indivíduo de ficar só com seus pensamentos e emoções.

Discorda Bauman (2003, p. 47) desses laços de cooperação afetivas. Para ele os medos e incertezas quanto ao futuro estão presente no “ambiente fluido”, e este não une os “sofredores”, ao contrário, os separa.

Há outra questão importante: se a solidão é algo negativo e se de fato está necessariamente ligada a um individualismo, ou seja, se conseguimos de fato compartilhar os sentimentos ou esse “encapsulamento” nos distancia cada dia mais de um diálogo de proximidade com os demais? Maffesoli (2014, p. 53) é um otimista, para ele o afeto na pós-modernidade é à base de um elo social onde o homem moderno se transforma em “homem relacional”. O sociólogo usa a palavra *tribo* como uma espécie de comunidade, assim esse “homem relacional” se conectaria a outros constituindo inúmeras tribos.

O fato das redes sociais estarem cada vez mais presentes na vida dos indivíduos fazendo-os compartilhar situações quotidianas como o almoço, a festa de aniversário e até mesmo a participação em algum velório²², alimenta as teorias tanto de Bauman, quanto de Maffesoli. As comunidades virtuais criam laços fracos de relações na medida em que isso não é levado para o real, porém os indivíduos que navegam encontram-se para solidarizar-se em meio à solidão compartilhada.

O individualismo tem sido entendido como o “encapsulamento” do indivíduo no espaço virtual que, de forma geral, prefere comunicar-se por meios virtuais com os demais (AZAMBUJA, 2012). Observar esse fenômeno do isolamento físico e suas consequências é uma tarefa difícil para a sociologia.

O otimismo de Maffesoli (2014) na pós-modernidade está baseado, segundo ele, na volta do afeto na vida social. A internet consiste no “próprio substrato dos elos sociais”, os sentimentos, as paixões se sobrepõem à racionalização dos argumentos (MAFFESOLI, 2014, p. 97-98). Neste sentido, os “comentários” nas postagens ou nas matérias jornalísticas não se tratam de pensamentos racionais e distanciados e sim afloramentos emocionais.

²² Uma mulher fotografou-se ao lado do caixão de Eduardo Campos, político e candidato a presidência que faleceu em agosto de 2014. A foto inusitada chamou a atenção da imprensa e logo circulou pelas mídias virtuais em tom de brincadeira. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/album-de-fotos/mulher-que-fez-selfie-em-velorio-de-eduardocampos-vira-meme>. Último acesso em: 20 de out 2014.



O código “curtir muito”, para Maffesoli (2014) se trataria da forma contemporânea de iniciar uma conexão com o *Outro*. Esse processo teria como fundamento a revelação do próprio Eu, e é “a característica do relacionismo pós-moderno *em que se está permanentemente “ligado”, conectado com e no além de si*” (MAFFESOLI, 2014, p. 88-89, grifo nosso).

A tecnologia para Tukle nos oferece uma oportunidade de pensar acerca dos nossos valores, preparando-nos para direcionar as relações sociais na nossa vida. O intuito seria de “preservar o contato que nos é mais caro nas relações humanas”, porém desse modo não se corre o risco de se frustrar com expectativas não atendidas (apud PRADO, 2013, p. 240).

O sentimento de pertencimento na internet se dá na medida em que os indivíduos se reconhecem nos meios virtuais, e formam grupos, ou “tribos”, como prefere Maffesoli (2014). Pode-se constatar a formação desses grupos através das comunidades da internet, que compartilham gostos e identidades, mas que também disseminam práticas, como a anorexia, bulimia e suicídio. Porém será que esses compartilhamentos vão ao encontro de uma alteridade? Novamente, Maffesoli, responde que sim:

“Os membros pós-modernos rompem com a identidade individual e acedem para uma alteridade mais rica em que a pessoa plural pode viver, ao infinito, a multiplicidade de suas máscaras, isto é, de suas potencialidades” (MAFFESOLI, 2014, p. 187).

Maffesoli esquece, contudo, dos discursos de ódio praticados na internet, que nada parecem nos remeter a uma alteridade pós-moderna. Questões culturais, raciais e de orientação sexual são argumentos para discriminar. A incitação ao ódio realizada no ambiente virtual pode ter consequências na vida dos indivíduos, levando-os até a prática do suicídio²³.

A partir do momento que eu utilizo grupos e subgrupos, para me identificar crio “espaços” de exclusão, se por um lado eu me incluo pelo sentimento de pertencimento virtual, por outro eu excluo indivíduos. Ainda, na “vida virtual” posso ter um número expressivo de “amigos”, mas na vida real não. Se na realidade eu não divido com o *Outro*,

²³ Esses atos em regra são feitos pelos chamados *trolls* (pessoa que desestabiliza discussões, provocando e enfurecendo os interlocutores envolvidos), *stakeadores* (perseguidores, que constantemente procuram invadir a privacidade e intimidade das suas vítimas) etc.



sentimentos, ideias e principalmente eu não sinto conectado a ninguém, estaria encaminhando-me, neste aspecto, à solidão:

“Geralmente se supõe que a solidão pode originar-se da convicção de que não há pessoa ou grupo a que se pertença. Pode-se considerar esse não pertencer como apresentando um significado bem mais profundo” (KLEIN, 1975, p. 137).

O pertencimento deve ser construído também na realidade para que os laços interpessoais sejam fortes. A alteridade seria a arma contra a frustração de Bauman, pois não pode ser mercadoria. A verdadeira alteridade importa em inclusão do *Outro*, ao passo que essa alteridade de Maffesoli está mais para demonstrações coletivas de individualismo, explicamos: quando eu me identifico na internet, meus gostos, meu dia, minha vida, talvez eu quisesse apenas seduzir “amigos.” Adicioná-los e ser adicionada(o). Adicionar não quer dizer incluir numa linguagem real.

O isolamento do indivíduo na realidade é o que provoca a solidão, não goza do pertencimento real, não se “conecta” com o *Outro*. Esse distanciamento nos parece muito bem embasado na obra de Bauman. Assim, *Tudo Te É Falso e Inútil* pode ser o título da vida de muitos que não se “conectam” com o real, a melancolia e a tristeza, mesmo que compartilhada no mundo virtual, não é da mesma maneira compartilhada na realidade. Estamos consumindo solidão ou de fato ela é que nos consome?

Assim o paradoxo da solidão: isolamento em relação à realidade e conectividade digital. Temos que a comunicação gerada pela Internet é uma forma de isolamento, mas não é uma característica da solidão; pelo contrário, esta (solidão) não se torna completa, é compartilhada, não se conclui em razão da comunicação no mundo digital. É o ser humano readaptando-se frente à sociedade contemporânea e o individualismo consequente.

CONCLUSÃO

O que Fernando Pessoa, Iberê Camargo e Gabriel Garcia Márquez têm em comum no contexto comunicacional e nas relações interpessoais? Não era a pergunta de pesquisa deste texto, nem se pretende resolvê-la, o que demandaria uma análise pormenorizada da obra de cada um. No entanto, cada um há seu tempo e de acordo com sua habilidade analisaram as relações entre pessoas, encarando o relacionismo como uma forma ou de



rechaçamento do *Outro*, ou de concepção para com o *Outro*, através do amor, do desejo, do *aproveitamento* das conexões, duradouras ou não, esporádicas/ocasionais, e da volta da utopia do amor verdadeiro, algo desejável, mantendo-se as pessoas em uma solidão física, porém não total, já que a comunicação digital não permite.

Na tentativa de se comunicarem os indivíduos contemporâneos buscam encontrar a satisfação que, contudo, não represente um aprisionamento. Assim, as relações tornam-se líquidas, pois, não se pode ter a certeza de que a relação escolhida é a correta.

Temos de estar com o *Outro*, mesmo que através de uma conexão comunicacional por pacote de dados (característica da linguagem da Internet). Isso nos permite, desde quatro paredes, estabelecer conexões antes impossíveis, produzindo algo contemporâneo: a inteligência coletiva. Essa parcela amigável da Internet não resolve os problemas do individualismo, da solidão, da perda de privacidade e intimidade, é claro. No entanto, ela (a Internet), através de todas as funcionalidades, a par de incrementar e caracterizar a liquidez das relações intersubjetivas, não permite que esse individualismo exacerbado se transforme em isolamento completo, isso no ambiente virtual.

Desde um contexto cultural de pertencimento, a solidão possa ser a consequência na vida real. Indivíduos que frequentam “comunidades virtuais” por laços de identificação, fora desse ambiente não logram ter relações de amizade ou afetivas e acabam por se encapsularem.

Assim, o encontrar o *Outro* também deve ser objetivo fora do ambiente virtual, sob pena de sermos personagens da obra de Iberê, unidos pelo nosso desejo de consumo, mas separados pelo risco da insegurança da escolha realizada. Somos consumidos pela nossa própria solidão, compartilhada em rede.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Deodato Curvo de. *Solidão e pós-modernidade*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062012000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 de out. 2014.

BALDANZA, Renata Francisco; ABREU, Nelsio Rodrigues de. *Comunidades Virtuais: Reflexões sobre Multiculturalismo e Cosmopolitismo na Rede*. 2006. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2006/renata_francisco_balanza.pdf>. Acesso em: 25 out. 2014.



BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Lei 12.965, de 23 de abril de 2014. **Portal da Legislação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 28 out. 2014.

CANABARRO, Diego Rafael; BORNE, Thiago. **Ciberespaço e Internet**: Implicações Conceituais para os Estudos de Segurança. Mundorama: divulgação científica em Relações Internacionais. Disponível em: <<http://mundorama.net/2013/05/19/ciberespaco-e-internet-implicacoes-conceituais-para-os-estudos-de-seguranca-por-diego-rafael-canabarro-e-thiago-borne/>>. Acesso em: 26 out. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. I. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos Sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DA CULTURA DE PAZ. Um Programa da UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 2001-2010. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/Dec_DiversiCul.htm>. Acesso em: 25 out. 2014.

GAZETAWEB. **Mulher se casa com ela mesma para superar divórcio traumático**. 2012. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/noticia.php?c=314785&e=44>>. Acesso em: 18 out. 2014.

IBGE. **Dados demográficos, família, 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/familias/tabfambr1111.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2014.

IBGE. **Dados demográficos, família, 2013**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2013/default_tab_xls.shtm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

KLEIN, Melainie. **O sentimento de solidão**. Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaios. Tradução: Paulo Dias Córrea. 2. ed. Rio de Janeiro: 1975.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.



MÁRQUEZ, Gabriel García. **O Amor nos Tempos do Cólera**. Tradução: Antônio Callado. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.

MUSSOI, Eunice Maria; FLORES, Maria Lucia Pozzatti; BEHAR, Patricia Alejandra. **Comunidades Virtuais - um novo espaço de aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8aEunice.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2014.

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus: comunhões emocionais**. Tradução: Abner Chiquieri. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

PRADO, Juliana do. As novas fronteiras tecnológicas entre intimidade e solidão. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 3, n. 1, jan-jun 2013, pp. 235-240.

RIBEIRO, Milton. **As imagens e a fúria de Iberê Camargo**. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2013/05/17/as-imagens-e-a-furia-de-ibere-camargo/>>. Acesso em: 19 out. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2006.

SYDOW, Spencer Toth. **Crimes informáticos e suas vítimas**. Coordenadores Alice Bianchini, Ivan Luís Marques e Luiz Flávio Gomes. São Paulo: Saraiva, 2013.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Comunidades virtuais: um fenômeno na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Érica, 2002.

TERRA. **Chat**. Disponível em: <<http://chat.terra.com.br/>>. Acesso em: 18 out. 2014.

WELLMAN, Barry; et al. Computer networks as social networks: collaborative work, telework, and virtual community. *Annual Reviews of Sociology*. v. 22, p.213-238, 1996.

WENDT, Emerson. **A Internet, a Cultura do Medo e a Criminalidade Cibernética: Aspectos de Produção e Interpretação do Direito Penal Contemporâneo (No Prelo)**.